



Rua Rui Barbosa, 724 Centro/Sul
Fone: (86) 2106-0606 - Teresina - PI
Site: www.procampus.com.br
E-mail: procampus@procampus.com.br

GRUPO EDUCACIONAL PRO CAMPUS JUNIOR

aluno(a) _____

9º Ano - Ensino Fundamental

TURMA _____

MANHÃ

Marcus Antônio

ATIVIDADE DE REDAÇÃO 2 - ENSINO REMOTO

Atividade 2 - Proposta 1

TEXTO I

A máxima de que o universo online é um mundo sem filtro e, portanto, reproduz conteúdo sem filtro, é verdadeira. Somado a isso, temos uma geração de crianças que já nascem completamente inteiradas com o mundo digital, aproveitando de todos os seus benefícios mas também expostas a muitos riscos. Para aumentar a proteção e minimizar as ameaças, o controle parental ou controle dos pais é um bom aliado. Mas o que isso significa? Quer dizer que é possível utilizar a tecnologia a favor dos pais, para ajudar a preservar as crianças dos riscos da internet. Isso porque, o controle parental pode ser descrito como um conjunto de recursos de segurança disponível em diversos sistemas operacionais, sites e equipamentos, como roteadores e consoles de jogos, e também pode ser instalado por meio de aplicativos pagos ou gratuitos. Estas ferramentas de segurança são adequadas para bloquear o acesso a alguns conteúdos ou limitar a conexão de dispositivos escolhidos por um determinado período de tempo. E pelos números de uma pesquisa realizada com cerca de 1,8 mil pais no Brasil, o controle parental se mostra bastante necessário. Pelo estudo, uma em cada cinco crianças brasileiras já acessou na internet algum tipo de material indesejado pelos pais, sendo que duas em cada cinco acessaram conteúdo adulto e uma em cada cinco assistiu algo que promovia violência. Por outro lado, o levantamento apontou para o fato de que apenas um em cada cinco pais possui algum tipo de proteção para evitar o mal-uso da internet pelas crianças.

Disponível em: <http://blog.intelbras.com.br/controle-parental-como-a-tecnologia-melhora-a-protecao-online/> (Adaptado)

TEXTO II



Disponível em: <http://www.redemuitomaissolidaria.org/campanha-de-combate-a-pedofilia-na-internet/>

TEXTO III

[...] No episódio "Arkangel", da popular série Black Mirror, uma mãe superprotetora decide implantar um chip no cérebro de sua filha para controlar, através de um tablet e um aplicativo, tudo que a criança passar ver ou sentir. Este sistema, originalmente pensado como uma aplicação de controle parental, permite à mãe não só ver o que a criança vê, mas também monitorizar as suas emoções e humores e até "filtrar" as imagens que podem prejudicá-la, fazendo com que a garota as veja pixeladas. [...]

Não há necessidade de ir tão longe quanto implantar um chip, como sugere a série, para analisar até que ponto estamos controlando e quando invadimos a privacidade da criança. Hoje, já existem aplicativos disponíveis para a geolocalização, controle do conteúdo que pode ser visualizados na Internet e na televisão, aplicativos com acesso ao microfone para ouvir o som de onde estão ou até mesmo gravar tudo o que acontece na tela do dispositivo, através de capturas de vídeo.

Embora essas ferramentas pareçam ser a grande solução para os problemas que todo pai de um nativo digital pode ter, a verdade é que nem todos os aplicativos de controle parental funcionam da mesma forma, nem têm as mesmas características. Por isso, é muito importante analisá-los e escolher aquele que se ajusta aos valores de cada família. Por outro lado, muitos controles que no início parecem ser muito úteis para os pais, acabam sendo invasivos para as crianças, o que acaba causando uma reação contrária ao esperado. A criança, em vez de se sentir protegida e contente, sente-se invadida e procura fugir desses controles.

Disponível em: <https://www.welivesecurity.com/br/2018/04/13/controle-do-uso-da-tecnologia-privacidade-das-criancas/> (Adaptado)

TEXTO IV

Pega-pega, pipa, boneca e futebol. 'Antigamente', essas eram as principais respostas quando alguém perguntava a uma **criança** qual era a sua brincadeira favorita. Hoje, elas dividem espaço com o vídeo-game, os jogos no celular, o **YouTube** e diversos aparelhos eletrônicos. Antes, bastava um "entra menino(a)" para interromper a brincadeira. Hoje, esse controle precisa de limites mais estabelecidos, já que os aparelhos eletrônicos estão em todos os lugares. Por isso, o **controle parental** pode facilitar a vida dos pais e garantir a permanência dos pequenos no mundo virtual com segurança e equilíbrio.

João Vitor, 9 anos, é uma dessas crianças que divide as brincadeiras favoritas entre futebol e assistir vídeos no YouTube. Para a mãe dele, Lícia Costa, a maior preocupação é com o monitoramento do que o filho faz e vê na internet. "Sinto que meu filho está de certa forma suscetível a qualquer coisa. A internet na maioria das vezes é uma terra sem lei. Tanto faz ele aprender coisas boas, como coisas ruins", explica.

(...)

O tempo que os filhos devem passar conectados também é uma incógnita para alguns pais. Psicóloga e mestre em psicologia cognitiva em dependência na internet, Raíssa Almoedo indica que o primeiro passo necessário é respeitar as regras sobre a idade mínima de ingresso nas plataformas digitais.

"Após essa verificação, penso que cabe a pergunta: meu filho, independentemente de sua idade cronológica, tem maturidade suficiente para frequentar os ambientes virtuais? Os jovens só terão acesso às redes sociais, jogos eletrônicos e outros, se esses responsáveis permitirem. O controle parental não deve ser menosprezado. É através do monitoramento, orientação e diálogo aberto que o uso das novas tecnologias da informação poderá ser realizado de maneira saudável e adequada", opina.

Em abril, a Organização Mundial de Saúde (OMS) orientou o tempo de tela indicado para os pequenos. No estudo, crianças de até um ano não devem ter contato nenhum com essas plataformas. Para os pequenos de dois anos, a recomendação é de no máximo uma hora, sendo preferível menos. Para os que têm entre três e quatro anos, o tempo não deve exceder uma hora.

"As dinâmicas familiares são plurais e o bom senso sempre será um aliado importante nas tomadas de decisões. Os pais ou responsáveis também precisam exercitar essa autorregulação quanto ao uso excessivo e devem promover momentos de qualidade em família que não se restrinjam às atividades em frente às telas. Cada família deverá encontrar sua dose salutar, embora seja indispensável conhecer essas orientações para então aplicá-las dentro de cada realidade e possibilidade", orienta Raíssa.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "**Controle parental quanto ao uso da tecnologia: prevenção ou invasão de privacidade?**", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista

Atividade 2- Proposta 2

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **Preconceito linguístico em questão no Brasil**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I**Preconceito linguístico: o que é?**por **Renata Celi** | dez 19, 2018

O termo "[preconceito](#)" sempre vem com muita carga negativa. E não é por menos, já que preconceito é um **juízo depreciativo e discriminatório** sem fundamentos ou conhecimentos da pessoa que o pratica.

Geralmente, preconceito e discriminação estão muito ligados às condições sociais, [étnicas](#), religiosas e sexuais dos indivíduos. Nesse sentido, aqueles que sofrem o preconceito se encontram à margem da sociedade, se enquadrando no contexto de minorias.

Mas o preconceito não existe apenas na esfera das características físicas e de orientações sociais dos sujeitos, mas também nos aspectos regionais. Assim, um dos principais tipos de discriminação é o **preconceito linguístico**, caracterizado pelas **variações de sotaque das pessoas**.

Neste post, trouxemos **tudo que você precisa saber sobre o preconceito linguístico** e como ele pode cair nas redações dos vestibulares e do [Enem](#).

O que é preconceito linguístico?

O **preconceito linguístico** é um tipo de discriminação que resulta da realização de comparativos indevidos entre um modelo idealizado da **língua falada** com a maneira como as pessoas realmente se comunicam. Pode acontecer também quando se compara a **forma de falar de diferentes regiões dentro de um mesmo país**.

Esse preconceito está ligado, também, à **classe social ocupada pelos falantes**. Ou seja, pessoas de poder aquisitivo mais elevado tendem a exercer preconceito contra o modo de falar daqueles mais humildes.

Outra **forma muito comum de preconceito linguístico** ocorre entre países falantes da mesma língua, como Brasil e Portugal e Estados Unidos e Inglaterra. As variações das línguas são incompreendidas por algumas pessoas, o que leva a atitudes preconceituosas.

Preconceito linguístico no Brasil

O **preconceito linguístico é muito recorrente no Brasil**, pois vários indivíduos se consideram falantes mais capacitados e superiores do que outros grupos no país. É muito comum que moradores das regiões Sul e Sudeste exerçam preconceito contra aqueles cidadãos provenientes do Norte ou Nordeste.

Muito disso parte do pressuposto que seja necessário haver uma homogeneidade no **modo de falar dos cidadãos de um mesmo país**. Essa unidade linguística é um mito que deve ser quebrado, uma vez que a própria extensão do Brasil tem como resultado uma variação cultural gigantesca.

Por isso, as **particularidades regionais** explicitam, na verdade, uma grande riqueza cultural do país, de modo que a Língua Portuguesa seja falada com uma grande variedade de estilos e particularidades, dependendo da região em que você se encontra.

O **preconceito linguístico** acontece, na maioria das vezes, com um teor de **deboche** e **desprezo**, causando impactos que podem reverter em violência verbal, psicológica ou até mesmo física. Quem sofre esse tipo de discriminação pode desenvolver problemas de socialização no seu meio ou, até mesmo, distúrbios psicológicos.

A melhor forma de **combater o preconceito linguístico** é quebrar os mitos que cercam a fala "correta" da língua, principalmente conscientizando as pessoas da **pluralidade** e da **diversidade cultural** presentes no Brasil. Existem muitas variantes de região para região e nenhuma delas deve ser menosprezada por ser diferente.

Nos Estados Unidos, por exemplo, é muito comum encontrar pessoas errando contrações verbais e o uso de pronomes. Apesar de constituir um erro, isso não significa que quem os comete é melhor ou pior do que você. Na verdade, **a clareza da comunicação deve ser privilegiada**, principalmente quando levamos em conta que, dificilmente, as pessoas falam formalmente no dia a dia.

Turistas brasileiros, quando vão para o exterior, tendem a se comunicar o mais formalmente possível na língua local. Apesar de isso não se constituir como um problema, na verdade essa pessoa está ignorando todo um vocabulário próprio da comunicação oral daquela sociedade. **Gírias**, por exemplo, são parte fundamental da **linguística de uma população**. O caso brasileiro é ainda mais complicado pois, devido à sua **extensão territorial** e às desigualdades socioeconômicas ao redor do país, a segregação é recorrente. E o combate a isso começa nas discussões sobre o tema. Ainda muito incipientes, debates sobre discriminação são essenciais para o crescimento de uma sociedade.

Texto II

O PRECONCEITO LINGUÍSTICO DEVERIA SER CRIME

por Marta Scherre

O preconceito linguístico -(..) atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar.

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI110515-17774,00-O+PRECONCEITO+LINGUISTICO+DEVERIA+SER+CRIME.html> (Acesso em 21 mai. 2015.)

TEXTO III

A discriminação com base no modo de falar dos indivíduos é encarada com muita naturalidade na sociedade brasileira. Os “erros” de português cometidos por analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos são criticados pela elite, que “disputa” quem sabe mais a nossa língua. Essa é uma das constatações do linguista e professor do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB) Marcos Bagno. Segundo o pesquisador, o conhecimento da gramática normativa tem sido usado como um instrumento de distinção e de dominação pela população culta.

“É que, de todos os instrumentos de controle e coerção social, a linguagem talvez seja o mais complexo e sutil”, afirma. “Para construir uma sociedade tolerante com as diferenças é preciso exigir que as diversidades nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas”, defende.

O preconceito na língua faz com que os indivíduos se sintam humilhados ou intimidados com a possibilidade de cometer um erro de português. “Como se o fato de saber a regência ‘correta’ do verbo implicar gerasse algum tipo de vantagem, de superioridade, de senha secreta para o ingresso num círculo de privilegiados”, afirma o professor, que foi um dos convidados do seminário Universidade e Preconceitos – Discutindo e Enfrentando uma Realidade, ocorrido em setembro de 2006 na UnB.

Fonte: <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/entrevistas/1414-maaios-bagoo-fala-sobai-paiiooiito-lioguiistio-78894042>

TEXTO IV

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.

Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua. A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua — afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

TEXTO V

O preconceito linguístico é um preconceito social. Para isso aponta a afiada análise do escritor e linguista Marcos Bagno, brasileiro de Minas Gerais. Autor de mais de 30 livros, entre obras literárias e de divulgação científica, e professor da Universidade de Brasília, atualmente é reconhecido sobretudo por sua militância contra a discriminação social por meio da linguagem. No Brasil, tornou-se referência na luta pela democratização da linguagem e suas ideias têm exercido importante influência nos cursos de Letras e Pedagogia.

A importância de atingir esse meio, segundo ele, é que o combate ao preconceito linguístico passa principalmente pelas práticas escolares: é preciso que os professores se conscientizem e não sejam eles mesmos perpetuadores do preconceito linguístico e da discriminação. Preconceito mais antigo que o cristianismo, para Bagno, a língua desde longa data é instrumentalizada pelos poderes oficiais como um mecanismo de controle social. Dialeto e língua, fala correta e incorreta: na entrevista concedida a Desinformémonos, ele desnaturaliza esses conceitos e deixa à mostra a ideologia de exclusão e de dominação política pela língua, tão impregnada nas sociedades ocidentais.

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/node/5396/>

TEXTO VI

Sinopse do livro — Preconceito Linguístico: o que é, como se faz

O linguista e filólogo **Marcos Bagno** publicou, no ano de 1999, o livro “**Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**”, no qual aborda diversos aspectos sobre a Língua Portuguesa, bem como o **preconceito ligado aos seus falantes** e todas as implicações sociais dessa discriminação.

A principal linha argumentativa do livro de Bagno é que **não há maneira certa ou errada de se comunicar**. Para ele, o preconceito linguístico vem de uma ideia ultrapassada, de que apenas o português baseado na gramática formal e normativa é tido como a prática correta da língua. E essa ideia seria uma das grandes colaboradoras para que a **exclusão social** se difundisse no país.

O autor considera que esse tipo de argumento não é válido, uma vez que **a língua é completamente flexível e mutável**, se adaptando ao longo dos anos, principalmente de acordo com a forma como as pessoas se comunicam. E o exemplo mais claro talvez seja a **evolução da palavra “você”**, que descende de formas muito mais elaboradas, como “**vossa mercê**”.

Para Bagno, as regras de qualquer língua, determinadas geralmente pela gramática normativa e formal, nunca incluem **expressões populares e variações linguísticas** presentes no dia a dia da população. Assim, gírias, regionalismos e dialetos sempre devem ser levados em conta quando se analisa uma língua específica. Afinal de contas, ocupam um espaço muito importante na comunicação entre seus falantes.

Um dos capítulos mais marcantes do livro é justamente o primeiro, denominado “**A mitologia do preconceito linguístico**”, em que Bagno analisa oito mitos praticados pelos **linguisticamente preconceituosos no Brasil**.

1. “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”

Como explicamos, essa afirmação está redondamente errada, uma vez que o próprio tamanho do território brasileiro naturalmente garante uma enorme **variedade linguística entre suas regiões**. Analisar o modo de falar de moradores do Rio Grande do Sul e de Roraima, por exemplo, é uma tarefa simples para perceber que o **regionalismo** é muito forte no Brasil.

2. “Brasileiro não sabe português” e “Só portugueses falam bem a língua”

Aqui, Bagno apresenta as diferenças cruciais entre o português falado no Brasil e em Portugal, quebrando o mito de que a “pátria-mãe” da Língua Portuguesa é a única a praticá-la corretamente. A ideia do autor é destruir o argumento de que o português falado no país europeu é superior.

3. “Português é uma língua muito difícil”

Talvez uma das afirmações mais feitas sobre a Língua Portuguesa. Bagno se baseia, então, nos argumentos sobre a gramática normativa do português praticado em Portugal, apresentando as diferenças entre os **modos de falar e escrever** do Brasil.

4. “Pessoas sem instrução falam errado”

Essa é uma das principais justificativas dos praticantes do preconceito linguístico contra pessoas de baixa escolaridade. O autor defende as variantes da língua no Brasil e faz uma análise da discriminação gerada pelos pontos destoantes entre o português falado e a norma padrão.

5. “É no Maranhão onde se fala o melhor português”

Esse é um mito muito comum, no qual as pessoas associam o regionalismo da língua praticada no estado do **Maranhão** com um português correto, melhor e mais bonito. Isso está muito ligado com a questão de que lá as pessoas tendem a utilizar e **conjugam corretamente o pronome “tu”**, assim como demanda a norma culta.

Essa conjugação do “tu” é também um dos **principais pontos de preconceito linguístico no país**. Pessoas naturais do estado do Rio de Janeiro, por exemplo, costumam ser chamadas de incultas apenas pela conjugação incorreta do pronome (“tu vai”, “tu foi” etc.).

6. “Devemos falar como se escreve”

Bagno defende que essa afirmação está completamente equivocada, pois existem muitas variantes no português do Brasil, principalmente no que diz respeito à **utilização da linguagem culta e da linguagem coloquial**. Comparativamente, o português praticado no nosso país é muito mais informal do que formal.

7. “É preciso conhecer gramática para falar e escrever bem”

O autor aborda os **fenômenos de variação linguística** e a subordinação sofrida pela Língua Portuguesa à norma culta. Segundo ele, a **gramática normativa e formal** passou a ser utilizada como um instrumento de poder e controle, como podemos facilmente observar nas sessões de discussões políticas e judiciárias.

8. “Dominar a norma culta é ter um instrumento de ascensão social”

Esse mito é proveniente do vasto quadro de desigualdade social presente no Brasil, o qual faz com que existam **variações de comunicação entre as diferentes classes sociais**. Dessa forma, variedades da língua que fogem ao padrão formal e culto são consideradas inferiores, associando o adjetivo negativo à própria pessoa.

Para **Marcos Bagno**, um dos grandes problemas geradores do **preconceito linguístico no Brasil** é a sua **perpetuação**, principalmente pelos **veículos de mídia e entretenimento**. Em seu livro, faz uma dura crítica à Rede Globo de Televisão:

